

(DES)CAMINHOS DE UMA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Cristina Ramos Trindade¹ (IC) *; Rosangela Ines Matos Uhmman² (PQ).
**cristina_trindade@live.com*

1. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo, Bolsista de Iniciação Científica, UFFS.

2. Professora do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo, UFFS.

Palavras-Chaves: avaliação, professores em formação, práticas de ensino.

RESUMO: A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL CONSTITUI UM IMPORTANTE PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER PARA TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO. CABE CONHECER AS DIFERENTES ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS QUE OS PROFESSORES DE ESCOLA E OS ESTAGIÁRIOS, CONSIDERAM OU NÃO BEM-SUCEDIDAS NO PROCESSO DE AVALIAR. A METODOLOGIA DESTA PESQUISA DE ABORDAGEM QUALITATIVA FAZ USO DE UM QUESTIONÁRIO, UM DOS INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS FEITA A TRÊS PROFESSORAS DE ESCOLAS E UMA ESTAGIÁRIA DO MUNICÍPIO DA REGIÃO DAS MISSÕES, AS QUAIS PARTICIPARAM DE ENCONTROS FORMATIVOS SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR (EFAE), GRUPO FORMADO POR PROFESSORES DE ESCOLA, UNIVERSIDADE E LICENCIANDOS. O CAMINHO OU DESCAMINHO PERCORRIDO TROUXE À TONA O INSTRUMENTO PROVA, ENTRE OUTRAS ESTRATÉGIAS A SEREM ESTUDADAS PARA SE TRANSFORMAR DE CLASSIFICATÓRIA DA REPRODUÇÃO NA RECRIAÇÃO DA AVALIAÇÃO NO DECORRER DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

INTRODUÇÃO

A avaliação educacional é um tema que perpassa a universidade e a escola, ou seja, é realidade na formação inicial e continuada dos professores, visto que vem sendo pensada e repensada com mais afinco nos últimos anos, conforme aumento na publicação de referenciais nesta linha temática. Sendo assim, justificamos a escolha do tema da avaliação investigado neste trabalho. Para Saul (2008, p.2),

a avaliação faz parte do cotidiano de nossas vidas e é uma exigência intrínseca do trabalho dos educadores/as. A importância e atualidade do tema avaliação podem, também, ser evidenciadas pelo grande número de matérias publicadas em revistas de educação e na grande imprensa.

Com a finalidade de conhecer um pouco da realidade do professor da educação básica que a presente pesquisa consistiu em compreender as estratégias avaliativas que os professores consideram bem-sucedidas e não bem-sucedidas, bem as principais estratégias avaliativas utilizadas pelos professores em seu curso de formação inicial concluída.

Trabalho de pesquisa que está ancorado em uma pesquisa maior intitulada: “Avaliação da aprendizagem escolar em discussão na formação inicial e continuada de professores”, aprovada pelo edital nº 432/2014-2015/UFFS. Os sujeitos da pesquisa incluem os professores das escolas básicas e estagiários da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo-RS, bem como formadores da mesma universidade, os quais participaram de cinco encontros formativos para discutir sobre a temática da avaliação escolar.

Após o diálogo do quinto Encontro Formativo sobre Avaliação Escolar (EFAE) também fizemos uma entrevista com alguns professores(as) e estagiários(as) que foi gravada e posteriormente analisada. As falas dos professores(as) e estagiário(as) serviu de aporte para a discussão crítica e reflexões sobre a avaliação escolar. Ao estudarmos sobre a avaliação, buscamos em referenciais, as principais ideias que contribuíssem com a avaliação em processo por meio da mediação dos professores, para que de fato ela contribua na aprendizagem dos alunos, diferentemente de apenas apontar os resultados e ser um ato classificatório. Trindade, Malinowski e Uhmman (2015, p.2) contribuem ao dizer que o avaliar é um:

constante processo de momentos maiores e menores para sistematizar entendimentos em que o professor ao avaliar consolida a aprendizagem dos alunos, como um processo que não acaba com a aplicação de uma prova, um trabalho, um relato, ou outro, mas em um contínuo processo de avaliação tanto do professor, quanto dos alunos.

Avaliar é um processo contínuo e indispensável para o desenvolvimento do trabalho pedagógico por tratarem da verificação e, principalmente do acompanhamento da aprendizagem com foco nos objetivos previamente planejados. Com essa preocupação nos propomos a compreender e analisar na primeira parte deste trabalho, depois desta introdução, as (i) estratégias avaliativas que os professores (em formação inicial e continuada) consideram bem-sucedidas e não tão bem-sucedidas, e na segunda parte, as (ii) principais estratégias avaliativas vivenciadas pelos professores em sua formação inicial concluída, depois da metodologia descrita a seguir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a apresentação e análise dos dados produzidos a partir das entrevistas respectivas às falas dos participantes, a ocorrência se deu a partir da categorização dos dados. Conforme Lüdke e André (1986, p.43): “não existem normas fixas, nem procedimentos padronizados para a criação de categorias, mas acredita-se que um quadro teórico consistente pode auxiliar uma seleção inicial mais segura e relevante”.

E quanto às transcrições dos encontros, recortamos alguns fragmentos das falas das professoras e estagiária, respeitando-se os princípios éticos de uma pesquisa qualitativa por envolver seres humanos, expressos na Resolução 196/96 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), no qual os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sob o número do Parecer: 415259 com aval da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

Na realização deste estudo, além das falas dos encontros formativos, entrevistamos três professoras da Educação Básica, as quais foram nomeadas por nomes fictícios, a saber: professora Maria, professora Ana e professora Júlia, as quais atuam na escola básica e uma estagiária nomeada por estagiária Carla. Entrevista que foi gravada no segundo semestre de 2014. Estudo que teve por base a metodologia qualitativa, em que destacamos Lüdke e André (1986, p.34) ao dizer: “uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”.

Para a efetivação da entrevista foram planejadas algumas questões semiestruturadas, das quais optamos por trazer duas, das sete questões planejadas,

as quais constam na tabela 01, escolhidas devido afinidade ao tema das estratégias avaliativas escolares.

Tabela 01: Questões utilizadas na entrevista com professores e estagiária

Número	Questionamento
1	Quais estratégias avaliativas considera ser bem-sucedida? E quais estratégias avaliativas não considera ser bem-sucedida?
2	Quais as principais estratégias avaliativas vivenciadas na graduação pelas professoras em sua formação inicial concluída?

Fonte: TRINDADE; UHMANN (2016).

A partir da compreensão das respostas sobre as questões supracitadas, analisamos as diferentes estratégias de avaliação levando em conta o contexto da realidade escolar, visto a relação escola-universidade na inserção por meio dos estágios na Educação Básica. Com esse olhar, na sequência destacamos a importância de um trabalho pedagógico ao perpassar no processo de ensino e aprendizagem, o planejamento, ação e avaliação em consonância com olhar para as estratégias avaliativas com foco na investigação do primeiro questionamento da tabela 01.

ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS CONSIDERADAS BEM-SUCEDIDAS E NÃO TÃO BEM-SUCEDIDAS

A discussão em torno da temática da avaliação no ensino é cada vez mais recorrente, pois o ato de avaliar vem cada vez mais sendo repensando, principalmente pelos professores das escolas e universidade, visto que urge uma mudança, uma reestruturação, pois ela não pode mais ser vista como uma simples atribuição de notas.

É preciso repensar as práticas avaliativas atuais das aulas. Diante desse propósito, a professora Maria ao ser questionada acerca da questão 01, relata: *“esta questão de bem-sucedido e não bem-sucedido eu tenho que ter em mente o que a escola exige de nós... a escola exige uma avaliação e... então eu tenho que dar conta para o aluno alcançar aquela nota satisfatória... o que seria hoje o CSA... então o que eu estou fazendo para alcançar isto... e hoje eu faço várias estratégias... o aluno me entregou... o aluno fez... então ele está fazendo as coisas que eu estou solicitando... se eu faço uma prova eu vejo que o resultado não será satisfatório... porque o aluno encontra dificuldades em responder... eu trabalho com o noturno e este é um diferencial também... o aluno do noturno... ele diz que praticamente não estuda em casa... então eu estou considerando satisfatório se o aluno responde as atividades que eu estou propondo em aula”*.

Conforme fala da professora Maria percebemos que para ela dizer o que considera ser bem-sucedido, primeiro ela pensa o que a escola exige. Pelo entendimento de Maria, a escola exige uma avaliação para que os alunos consigam alcançar o CSA (Construção Satisfatória da Aprendizagem) nem que para isso Maria faz os alunos *“responder as atividades que eu estou propondo em aula”*. Nessa linha de pensamento, conforme entendimento, a aprovação é exigência da escola, o que não quer dizer que o aluno aprendeu, ainda mais quando reproduz informações ao responder atividades, podendo se constituir em um ato de alienação com finalidade classificatória. A questão vai além de reprovar ou aprovar os alunos quando estes fazem atividades em que todos respondam, visto que não é abolindo as provas, relatórios, ou outros que se obtêm sucesso na aprendizagem. A ideia é ir além, fazendo uso de diferentes estratégias avaliativas, com ou sem prova, entre outras, mas que

estas estratégias sirvam de *feedback* para que aluno e professor tomem conhecimentos dos limites e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem.

A prova é um instrumento avaliativo que apresenta os resultados alcançados pelos alunos, ou seja, constitui-se como uma avaliação “tradicional”. Em volta disso, podemos pensar que o conceito de estar aprovado ao atingir o CSA, não significa que o aluno aprendeu determinado conteúdo quando fez uma cópia ao responder determinado questionamento. A referência pela prova conforme Maria tem a ver com o grau de dificuldade que os alunos poderiam enfrentar, o que, no entanto, parece confuso, pois fazer um questionamento, prova ou outro, sem o devido retorno para o aluno observar aonde precisa melhorar para ir construindo o conhecimento é em vão.

Avaliação, portanto, não pode ser confundida, como por vezes se faz, com o momento exclusivo de atribuição de notas ou com momentos em que estamos analisando e julgando o mérito do trabalho que os alunos desenvolveram. Vale dizer que a avaliação recai sobre inúmeros objetos, não só sobre o rendimento escolar (SAUL, 1988, p.01).

No processo de avaliação precisamos entender que é preciso avançar e pensar que avaliar não é nada simples, visto que precisamos buscar estratégias avaliativas diferenciadas e não somente isso, é preciso entender a importância de um processo contínuo que não acaba com a aplicação, correção devolução de um trabalho ou uma prova, por exemplo. Qualquer método avaliativo utilizado pelo professor em sala de aula deve ser planejado, para que ele signifique e proporcione aprendizagem ao aluno.

Destacamos nesse processo a importância do EFAE percebida pelas interações entre professores em formação inicial e continuada dos em que estes puderam refletir e discutir as questões que permeiam a problemática da avaliação. Assim destacamos a fala da professora Ana que disse o seguinte: *“eu acho que os encontros sobre avaliação escolar precisam continuar... porque a gente aprende muito... hoje já avalio diferente... pois antes eu avaliava mais com prova... trabalho alguma coisa... hoje já avalio a participação em sala de aula... eu vejo o crescimento do aluno... eu acho que deve continuar os encontros... para avançar cada vez mais”*.

Os encontros propostos pelos sucessivos EFAE estão sendo uma oportunidade para os professores em conjunto discutir questões avaliativas e terem este momento para refletir sobre sua prática, visto que ao ouvir o relato dos colegas também podem compreender as dificuldades, erros ou acertos no processo de avaliar os alunos e o próprio trabalho pedagógico. Este espaço de discussão faz com que os professores possam repensar suas ideias, concepções e reavaliar de um modo diferente a prática.

Também em análise aos documentos sobre as políticas públicas referentes à avaliação escolar, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ressaltamos que desde 1997 existe a preocupação referente: *“a concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca do processo educacional”*. (BRASIL, 1997, p.52). Com isso percebemos a relevância do tema da avaliação no ensino, pois o mesmo atinge todos os sistemas educacionais, sabendo que as diferentes estratégias de avaliações podem integrar as provas, relatos, pesquisas, estudos dirigidos, análise de filmes didáticos, ou outros para subsidiar a construção do conhecimento discente, bem como,

subsídia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados

para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. (BRASIL, 1997, p.52)

Destacamos sobre a necessidade de se avaliar as práticas avaliativas, visto que para alguns professores uma atividade pode ser mais eficiente que outra dependendo também da realidade da turma de alunos. Para a estagiária Carla: *“o bem-sucedido seria os alunos realizarem as atividades [...] já o que foi mais significativo foi o que não teve tanto sucesso... foi a pesquisa... ontem eles iam pesquisar e saber mais... eles deveriam ir mais afundo e aprenderiam mais com isso... só que... no entanto... o que seria o bem-sucedido não teve o resultado esperado”*.

Conforme fala da estagiária Carla: *“o que seria o bem-sucedido não teve o resultado esperado”*, ressalta um importante ponto, pois no início com a fala da professora Maria, o bem-sucedido seria uma atividade mais fácil, em que os alunos não precisariam de muito esforço para conseguirem realizar, algo que todos conseguissem fazer sem grandes dificuldades, pensando e se colocando junto com a preocupação de Maria quando se refere ao ensino noturno, sendo que um avanço na concepção da professora Maria pode ser adquirida quando em interação nos sucessivos encontros do EFAE, por exemplo. E quanto à atividade de pesquisa que exigiu esforço, nem todos os alunos conseguiram realizar, visto que a proposta sugerida por Carla sobre a tarefa realizada pelos mesmos, mostrou a necessidade de um nível maior de empenho e estudo pelos alunos, o que requer um acompanhamento para que ocorra a construção do conhecimento, algo que se almeja com um trabalho de estudo investigativo. Assim é possível pensar e repensar as práticas muitas vezes adormecidas e sem muita discussão crítica quanto ao avaliar, e o que ainda precisa ser levado em conta em uma avaliação bem-sucedida. Luckesi (2011-a, p.30) contribui:

o que significa, então, “aprender a avaliar”? Significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

No momento trazemos para a discussão a fala da professora Julia a respeito da questão 01: *“eu acho que... a apresentação de trabalhos de pesquisas em grupos... desde que eu consiga incluir a todos os alunos no trabalho em grupo atingindo a todos é uma avaliação bem-sucedida”*. Para a professora Júlia, uma estratégia bem-sucedida é quando todos os alunos fazem o trabalho para atingir os objetivos na turma. No entanto, a mesma considera como uma estratégia não bem-sucedida: *“quando eu faço um trabalho... e apenas um aluno apresenta... e todos ficam olhando... e não ajudam eu me sinto mal... quando eu vejo que um fez o trabalho... e os outros ficam olhando... eu não consigo atingir todos os alunos”*. Redimensionar formas de avaliar é repensar sobre a própria prática quando Júlia se refere à interação dos alunos na apresentação de trabalhos de pesquisa. Dessa maneira, professor e alunos para:

mudar um hábito incorporado na prática para um modo mais participativo e dialógico de interação exige esforço e dedicação. A vantagem é que o professor pode criar novas formas de mediação, posicionar-se e avaliar, na interação e no diálogo com os estudantes, de modo diferenciado para que ocorra a aprendizagem (UHMANN; ZANON, 2014, p.3).

A pesquisa é citada pela professora Julia e estagiária Carla, como uma estratégia que os alunos sentem dificuldade em realizá-la. Em nosso entendimento a pesquisa constitui-se em um aliado essencial no processo da significação dos

conceitos trabalhados na mediação com o professor. Galiazzi e Morais (2002, p.245) contribuem ao dizer: “a educação pela pesquisa como modo de construção de uma educação de qualidade volta-se à construção da competência dos sujeitos. Destaca-se em primeiro lugar a competência argumentativa, capacidade de construir e defender argumentos com rigor e fundamento”.

Através da análise das falas das professoras Maria, Ana e Júlia e estagiária Carla constatamos que nem sempre as estratégias avaliativas trabalhadas em contexto escolar são consideradas bem-sucedidas de fato na promoção da aprendizagem dos alunos. O que requer entender, talvez, que os alunos não estão acostumados a buscar com autonomia a reconstrução do próprio conhecimento. Ou mesmo o próprio professor carece dessa prática, tendo em vista que o ensinar e o aprender exige muita pesquisa na constituição do processo de interação pedagógica. Segundo Freire (1996, p. 29) “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Entendemos que o bem-sucedido ocorre quando as estratégias de ensino envolvem os alunos a pesquisar, buscar, compreender e entender conceitos, por exemplo, não apenas ao reproduzir o que encontram talvez, na internet, nos livros didáticos ou outro material de ensino, bem como no uso de diferentes modalidades didáticas. Requer que o professor compreenda que a reprodução de informações não se caracteriza como aprendizagem, ou seja, mesmo um estudo sobre um determinado tema não quer dizer que ocorreu uma pesquisa escolar.

Nessa perspectiva, é necessário o envolvimento dos professores em grupos de estudo formativos, como o que ocorreu e está ocorrendo no EFAE, contribuição que vem ocorrendo para se olhar à avaliação de um modo diferente ao qual se está vivenciando, assim também contribuindo de forma significativa para cada vez mais pensar e repensar as próprias práticas escolares. Falar de práticas avaliativas bem-sucedidas e não tão bem-sucedidas remete ao pensar nas diferentes práticas avaliativas. Sob esse viés também nos lançamos a entender a formação inicial concluída das professoras Júlia, Carla e Maria, em que percebemos que as estratégias avaliativas em sua maior parte eram feitas basicamente por meio de provas, para obter-se uma nota, sem que houvesse uma contextualização ou problematização no retorno da mesma. Neste sentido, Saul (2015, p.5) afirma,

a avaliação educacional, nesse sentido, serve aos propósitos de uma educação domesticadora”, na qual os educandos assumem uma atitude passiva frente a conhecimentos prontos, que lhes são transferidos, ou depositados, como numa ação “bancária”, sem a intenção e possibilidade de criação de conhecimentos significativos que sirvam aos propósitos de uma leitura crítica da realidade, com perspectivas de transformá-la.

E foi nos encontros do EFAE que se levantou a questão das provas quando servem apenas para aprovar ou reprovar. Momento de troca de vivências entre as professoras que ao compartilharem suas vivências perceberam que tiveram uma formação inicial muito semelhante umas das outras. A discussão crítica elencou os princípios necessários ao ato de avaliar, e que esta avaliação seja feita em um processo contínuo valorizando os aspectos qualitativos que beneficiam a aprendizagem dos alunos.

ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS VIVENCIADAS PELAS PROFESSORAS EM FORMAÇÃO INICIAL

Sobre a temática da avaliação, respectivo à questão 02, as professoras foram questionadas sobre as principais estratégias avaliativas vivenciadas no curso de licenciatura que tiveram. As respostas foram muito semelhantes, como podemos observar o que disse a professora Maria: *“era de você estudar... saber o conteúdo e fazer uma prova... praticamente dá para dizer que noventa por cento era isso... tinha também práticas para identificar estruturas no microscópio estruturas que estava vendo... cada lâmina você tinha que ir lá e registrar... também era um tipo de avaliação... havia relatórios... mas basicamente eram provas... com perguntas que você respondia... na minha formação era assim”*.

Diante da fala de Maria, as estratégias avaliativas eram feitas através de provas, exclusivamente, onde o conteúdo talvez era decorado e reproduzido em uma prova com a finalidade de obter-se um conceito ou nota, sem muita preocupação com o desenvolvimento do aprendizado no processo de ensino com foco na significação dos conceitos.

Para Luckesi (2011-b, p. 21): *“não há como trabalhar com o conceito e com a prática da avaliação de acompanhamento da aprendizagem que é dinâmica no seio de uma pedagogia que compreende o educando como um ser “dado pronto”. Se o ser humano é dado pronto, não faz sentido investir na sua autoconstrução. Do mesmo modo, a professora Ana acrescenta: “eram só com provas... e no estágio também”*. A professora apenas se referiu às provas, nem mesmo citou uma prática com relato, trabalho ou quaisquer outras estratégias avaliativas diferenciadas. Foi um pouco diferente com a professora Maria que mesmo referindo-se que a prova era noventa por cento da avaliação, ainda era contemplado algumas outras atividades avaliativas mesmo que o peso maior estava voltado para a prova. Luckesi (2011-b, p.21) diante de uma avaliação classificatória, com preocupação diz o seguinte:

num olhar estático a respeito do educando e por isso sustenta bem a prática de exames na escola - cuja função é classificar o já dado, o já acontecido - mas não à prática na avaliação da aprendizagem que opera subsidiando o que está por ser construído ou em construção.

Ao analisamos a fala da professora Júlia sobre a questão 02, não tivemos dúvida do quanto é forte a avaliação das aulas por meio do instrumento da prova em que a professora ressalta: *“ela foi na maior parte tradicional... se fazia trabalhos de campo... às vezes modelos... aulas expositivas... ou no laboratório... relatório... mas nem tanto relatório... eram mais provas... aquilo se incluía na prova”*. Percebemos nitidamente que a ênfase principal era na prova, o foco principal era voltado a uma prova escrita com finalidade de aprovar ou reprovar, mesmo sendo feitas outras atividades avaliativas. Implica não ser contra uma prova, mas sim que o professor reconheça

não só os “acertos”, mas os “erros” como um constante processo de aprender. Para tal, precisa abandonar a visão de um professor detentor do saber, no qual não é preciso mudar os instrumentos de avaliação, desde que se mude a postura para uma prática educativa construtiva mediada no processo de ensino em que o professor também aprende ao avaliar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O tema da avaliação educacional ressurgiu, basta iniciarmos uma discussão sobre as estratégias, concepções e práticas de ensino, o que possibilita muitas reflexões acerca do seu contexto vivencial: escolas e universidade. Tema que

necessita ser trabalhado e discutido não só na formação inicial, mas também na formação continuada de professores. Sabendo dessa importância precisamos entender a melhor forma de avaliar os nossos alunos para que os mesmos consigam ter um bom desempenho na aprendizagem, o que requer o acompanhamento de forma prospectiva no uso das diferentes estratégias avaliativas.

Com este estudo constatamos que o processo de avaliar é complexo, demanda tempo do professor, para que o mesmo planeje e replaneje as atividades avaliativas de forma que contemple a todos os alunos, mesmo sabendo que o planejamento de uma prova é mais fácil quando serve para resultados finais. Queremos dizer aqui que não somos contra a prova, mas contra quando serve apenas para aprovar ou reprovar, visto que avaliar é fazer uso de várias estratégias de ensino durante o processo em detrimento aos resultados finais.

A justiça na precisão dos “acertos e erros” pode incorrer no risco de desconsiderar a “reciprocidade intelectual que pode se desenvolver por meio de um método investigativo sobre as manifestações do educando, a discussão das ideias, a argumentação e contra-argumentação aluno e professor, numa reflexão conjunta” (HOFFMANN, 2013, p.78). Uma avaliação a serviço das aprendizagens pedagogicamente ocorre em processo contínuo de regulação das mesmas, de forma prospectiva, qualitativa e envolvente das subjetividades.

A maneira como o professor assume a profissão com empenho e dedicação faz toda a diferença para que a escola seja um espaço acolhedor de estudo, aprendizado, reflexão. O que exige mudança e inovação para que os alunos também possam tornar-se mais críticos, estudem mais, tenham interesse para resolver problemas e pensar na sua formação com emancipação na sociedade em que vivemos.

As questões voltadas à avaliação escolar são desafiadoras aos professores quando vivenciam uma avaliação classificatória, muito forte ainda dentro das escolas. O que nos faz considerar cada vez mais os encontros do EFAE, os quais vêm permitindo aos professores em formação inicial e continuada, um espaço de compartilhamento e reflexão dentro do grupo (professor formador, de escola e licenciando/estagiário), podendo assim levantar problemas para juntos entender a rotina da escola, o que muitas vezes passa despercebido por já terem tornado a avaliação um processo rotineiro. Para os licenciandos em formação inicial, os encontros do EFAE permitem que os mesmos tenham mais conhecimento nos estágios, visto que o planejar, agir e avaliar estão entrelaçados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.
- FREIRE. P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOFFMANN, J. **Avaliação: Mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 43ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011-a.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011-b.

- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces.** *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132002000200008. Acesso em: 12-10-15.
- SAUL, Ana Maria. **Referenciais Freireanos para a prática da educação.** *Revista de educação PUC-Campinas*, Campinas, n. 25, p.17-24, novembro 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/90>. Acesso em: 10-12-15.
- SAUL, Ana Maria. **Na contramão da lógica de contextos de avaliação: por uma educação democrática e emancipatória.** *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1299-1311, dez., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143035>. Acesso em: 10-04-16.
- TRINDADE, Cristina Ramos; MALINOSKI, Maiara Helena de Melo; UHMANN, Rosangela Ines Matos. **Avaliação educacional: Reflexão e discussão em âmbito escolar e acadêmico.** *Anais do III CIECITEC- Congresso Internacional de Educação Científica e Tecnológica*. ISSN 2238-9237, 10 a 12 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.santoangelo.uri.br/ciecitec/anaisciecitech/2015/home.htm>. Acesso em 10-12-15. Acesso em : 10-12-15.
- UHMANN, Rosangela Inês Matos; ZANON, Lenir Basso. **O paradigma da avaliação escolar em discussão na docência em ciências/química.** 33º EDEQ (Movimento Curriculares da Educação em Química: o Permanente e o Transitório), 2014.